

VOL III

POR PALAVRAS E GESTOS A ARTE DA LINGUAGEM

Mauriceia Silva de Paula Vieira
Patrícia Vasconcelos Almeida
(Organizadoras)



EDITORA
ARTEMIS
2021

VOL III

POR PALAVRAS E GESTOS A ARTE DA LINGUAGEM

Mauriceia Silva de Paula Vieira
Patrícia Vasconcelos Almeida
(Organizadoras)



EDITORA
ARTEMIS
2021



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe

Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Editora Executiva

M.^a Viviane Carvalho Mocellin

Direção de Arte

M.^a Bruna Bejarano

Diagramação

Elisângela Abreu

Revisão

Os autores

Organizadoras

Prof^a Dr^a Mauriceia Silva de Paula Vieira

Prof^a Dr^a Patrícia Vasconcelos Almeida

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia

Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba

Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal

Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados

Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballido, Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo, México

Prof.^a Dr.^a Emilias Darlene Carmen Lebus, Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina

Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Prof.^a Dr.^a Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco

Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas

Prof. Me. Javier Antonio Alborno, University of Miami and Miami Dade College, USA

Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros



Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Dr.ª Lúvia do Carmo, Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Dr. Turpo Gebera Osbaldo Washington, Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P832 Por palavras e gestos [livro eletrônico] : a arte da linguagem vol III / Organizadoras Mauriceia Silva de Paula Vieira, Patricia Vasconcelos Almeida. – Curitiba, PR: Artemis, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
Edição bilíngue
ISBN 978-65-87396-26-2
DOI 10.37572/EdArt_280121262

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vieira, Mauriceia Silva de Paula. II. Almeida, Patricia Vasconcelos

CDD 469

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



APRESENTAÇÃO

O volume 3 do livro ***“Por Palavras e Gestos: A arte da Linguagem”*** se organiza a partir do diálogo entre discurso e objetos culturais e possibilita refletir sobre a construção de sentido nos diferentes discursos e saberes que entremeiam a sociedade. A construção de sentido é rio que corre, que flui, que retorce e que encontra pedras e, ainda assim, segue seu curso em busca do mar e do todo que o compõe. De forma análoga ao rio, também o discurso segue seu curso e se constitui a partir de múltiplas vozes, situadas em um contexto político histórico e social. Vozes que se orquestram, que possibilitam o embate e que provocam o debate. Essas vozes dialogam, ainda, acerca da literatura e de outras linguagens, evidenciando um trabalho com a língua(gem) em suas diferentes manifestações. Essas diversas produções artístico-culturais evidenciam a diversidade de saberes, a riqueza de identidades e de culturas e provocam encantamentos. Como bem postula Calvino (1995, p.39), “a literatura como função existencial” pode bem representar “a busca da leveza como reação ao peso do viver”. Assim, em uma dimensão ética e estética da produção, difusão e circulação dos textos e dos discursos na sociedade, o sentido engendra-se como uma co-construção, alicerçada no contexto, nas estruturas linguísticas mobilizadas e na análise das múltiplas vozes, dos valores, das crenças e ideologias que entremeiam os dizeres. Dessa forma, os textos que compõem este terceiro volume convidam o leitor à reflexão e contribuem para uma discussão profícua sobre discursos, literatura, tecnologias e objetos culturais.

Mauriceia Silva de Paula Vieira
Patricia Vasconcelos Almeida

SUMÁRIO

DISCURSOS E OBJETOS CULTURAIS

PARTE 1: DISCURSO, DISCURSOS

CAPÍTULO 1.....1

ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA DE PASTORES NO PARLAMENTO BRASILEIRO:
COMO O DISCURSO ALIMENTA O ÓDIO.

[Yuri Barbosa de Morais Pessoa](#)

[Ana Paula Rabelo](#)

[Patrício Carneiro Araújo](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212621

CAPÍTULO 2.....20

FUTEBOL E EVANGELIZAÇÃO EM UMA CAMPANHA MISSIONÁRIA: PERCURSOS DE
MEMÓRIA EM ANÁLISE DO DISCURSO

[Daiane Rodrigues de Oliveira Bitencourt](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212622

CAPÍTULO 3.....32

ESTRATÉGIAS DE DOMINAÇÃO LINGÜÍSTICO-DISCURSIVA: UM ESTUDO DE CASO
DA PALAVRA *MUDANÇA* EM DOIS DISCURSOS POLÍTICOS DO BRASIL

[Dayse Alfaia](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212623

CAPÍTULO 448

EL PRESIDENTE Y EL MASHI: INTERACCIÓN Y ETHOS EN EL RESUMEN EN KICHWA
DE LOS ENLACES CIUDADANOS DE RAFAEL CORREA

[María del Pilar Cobo González](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212624

CAPÍTULO 5.....65

FACEBOOK COMO FERRAMENTA DE DISCUSSÃO POLÍTICA: UMA ANÁLISE DE
COMENTÁRIOS *ONLINE*

[Rainhany Karolina Fialho Souza](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212625

CAPÍTULO 6 81

DISCURSOS E USOS DO APLICATIVO *WHATSAPP* COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA POR PROFESSORES DE LÍNGUAS DO IFTM

[Mariana Nuccitelli Simões](#)

[Welisson Marques](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212626

CAPÍTULO 7 91

CRONOTOPO DO ENDEREÇAMENTO E EXCEDENTE DE VISÃO NA ESCRITA DE PRÉ-UNIVERSITÁRIOS

[Fabrício José da Silva](#)

[Rosângela Rodrigues Borges](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212627

CAPÍTULO 8..... 110

LA SEMIÓTICA COMO DIMENSIÓN ONTOLÓGICAMENTE CONSTITUTIVA DEL ESPACIO GEOGRÁFICO. APORTES A LA TEORIZACIÓN DEL ESPACIO

[Emilas Darlene Carmen Lebus](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212628

CAPÍTULO 9 124

A CONSTRUÇÃO DO ETHOS NO DISCURSO JORNALÍSTICO

[Pilar Cordeiro Guimarães Paschoal](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212629

CAPÍTULO 10..... 136

TORCER, RETORCER, DISTORCER E DESTORCE: NOTAS SOBRE FUTEBOL, HOMOFOBIA E PERTENCIMENTO

[José Aelson da Silva Júnior](#)

DOI 10.37572/EdArt_28012126210

PARTE 2: LITERATURA E OUTRAS LINGUAGENS

CAPÍTULO 11..... 149

POEMAS METALINGÜÍSTICOS PARA CRIANÇAS: ESTILOS DE SE CONCEBER E ENSINAR POESIA

[Ana Elvira Luciano Gebara](#)

DOI 10.37572/EdArt_28012126211

CAPÍTULO 12	159
A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO A PARTIR DO TEXTO POÉTICO DE MANOEL DE BARROS	
Ana Carla de Azevedo Silva Verônica Maria de Araújo Pontes	
DOI 10.37572/EdArt_28012126212	
CAPÍTULO 13	173
OS SENTIDOS E O ESTILO DE CACASO EM <i>GRUPO ESCOLAR</i>	
Guaraciaba Micheletti	
DOI 10.37572/EdArt_28012126213	
CAPÍTULO 14	190
A MODERNIDADE E A CATÁSTROFE DO URBANO EM <i>LEÃO-DE-CHÁCARA</i> E O <i>GUARDADOR</i> , DE JOÃO ANTÔNIO	
Beatriz Meneses do Nascimento Maria Eneida Matos da Rosa	
DOI 10.37572/EdArt_28012126214	
CAPÍTULO 15	200
AUTOCONSTRUCCIÓN EN <i>DOS VECES JUNIO</i> DE MARTÍN KOHAN: PERSPECTIVA, GÉNERO E IRONÍA	
María Angélica Vega	
DOI 10.37572/EdArt_28012126215	
CAPÍTULO 16	208
AS LÍNGUAS COMO PONTES: ABORDAGEM DA INTERCULTURALIDADE E DO PLURILINGUISMO LITERÁRIO EM PLE	
Isabelle Simões Marques	
DOI 10.37572/EdArt_28012126216	
CAPÍTULO 17	219
LEITURA COMPARTILHADA: UMA EXPERIÊNCIA COM CRÔNICAS LITERÁRIAS NA SALA DE AULA	
Eliene Cristina de Jesus Vera Lúcia da Rocha Maquêa	
DOI 10.37572/EdArt_28012126217	

CAPÍTULO 18	234
CONSIDERAÇÕES SOBRE A DESCENDÊNCIA DA MÚSICA ARMORIAL NA CONTEMPORANEIDADE: MUDANÇA E CONTINUIDADE	
Marília Paula dos Santos Carlos Sandroni	
DOI 10.37572/EdArt_28012126218	
CAPÍTULO 19	243
ALÍCIA VEGA E O TALLER DE CINEMA PARA CRIANÇA: ESPAÇO DA ALEGRIA, DA EMOÇÃO E DA ARTE.	
Verônica Pacheco O Azeredo Inês Assunção de Castro Teixeira	
DOI 10.37572/EdArt_28012126219	
CAPÍTULO 20	253
A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA COMO MEIO DE FORMAÇÃO E DE DISSEMINAÇÃO DO CONHECIMENTO	
Maria dos Anjos Pereira Rodrigues Lorena Michelle Bonifácio dos Santos Danilo Bizinotto Borges Vinícius Fonseca Maciel Felipe Mendes Marques Mateus Rosa Machado Júnior	
DOI 10.37572/EdArt_28012126220	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	263
ÍNDICE REMISSIVO	264

CAPÍTULO 2

FUTEBOL E EVANGELIZAÇÃO EM UMA CAMPANHA MISSIONÁRIA: PERCURSOS DE MEMÓRIA EM ANÁLISE DO DISCURSO

Data de submissão: 09/12/2020

Data de aceite: 21/12/2020

Daiane Rodrigues de Oliveira Bitencourt
Centro Universitário Cenecista (UNICNEC)
Uberaba – Minas Gerais
<http://lattes.cnpq.br/5399333059470699>

* Uma versão preliminar deste trabalho, intitulada “Futebol e evangelização no programa avança Brasil: análise discursiva de uma campanha da Junta de Missões Nacionais”, foi publicada nos anais de evento do XVII Congreso Internacional Asociación De Lingüística Y Filología De América Latina (ALFAL) de 2014. Além disso, este trabalho é um resultado parcial do projeto de doutorado, intitulado “A salvação do mundo na igreja Batista: sobre o funcionamento do discurso missionário no final do século XX e início do século XXI”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Processo 2012/09021-8.

RESUMO: Organizada no Brasil em 1881, a igreja Batista tem se destacado pelo trabalho missionário. Com esse fim, a igreja mantém duas juntas missionárias, a Junta de Missões Mundiais (JMM) e a Junta de Missões Nacionais (JMN). Este estudo analisa dois materiais da campanha “Avança Brasil – Igreja, Esporte e Missões”, produzidos pela JMN, no ano de 2014. A análise é feita com base nas noções de memória, apresentada por Achard (2010),

Paveau (2013) e Maingueneau (2006), e de discursos constituintes, de Maingueneau (2000, 2006). As análises mostram que os sentidos são construídos em referência a uma memória do discurso cristão e também em referência aos saberes sobre o futebol. A tese principal defendida é de que os batistas são responsáveis por pregar o evangelho para a salvação do mundo. Os materiais defendem, portanto, que o campo de futebol é um campo missionário, no qual os batistas devem atuar na evangelização do mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso. Competência discursiva. Discurso constituinte. Discurso religioso. Memória.

SOCCKER AND EVANGELIZATION IN A MISSIONARY CAMPAIGN: PATHWAYS OF MEMORY IN DISCOURSE ANALYSIS

ABSTRACT: Organized in Brazil in 1881, the Baptist church has stood out for missionary work. For this reason, the church maintains two missionary boards, the World Mission Board (JMM) and the National Mission Board (JMN). This study analyzes two materials from the campaign “Go ahead Brazil - Church, Sport, and Missions” produced by JMN in 2014. The analysis is based on the notions of memory, presented by Achard (2010), Paveau (2013), and Maingueneau

(2006), and constituent discourse, by Maingueneau (2000, 2006). The analysis shows that the meanings are constructed based on a memory of the Christian discourse and also a memory about soccer knowledge. The main thesis defended is that Baptists are responsible for sharing the gospel for the salvation of all people. Therefore, the materials defend that the soccer field is a missionary field, in which the Baptists must act in the evangelization of the world.

KEYWORDS: Discourse Analysis. Discursive competence. Constituent discourse. Religious discourse. Memory.

1. INTRODUÇÃO

Organizada no Brasil, em 1881, por missionários norte-americanos, a igreja Batista tem se destacado pela ênfase dada ao trabalho missionário. Os batistas procuram o indivíduo para “salvá-lo” e fazem dele um “propagandista” de sua mensagem. Defendem que sua missão primordial é a evangelização do mundo. Em 1907, foi criada a Convenção Batista Brasileira (CBB), órgão máximo da denominação, que tem como finalidade integrar e organizar as igrejas batistas no Brasil. Nesse mesmo ano, foram criadas duas organizações responsáveis pelo cuidado com trabalho missionário: a Junta de Missões Mundiais (JMM), que tem como objetivo atuar na expansão da igreja Batista além das fronteiras do Brasil, e a Junta de Missões Nacionais (JMN), que visa à expansão nacional da denominação.

Com esse intuito, a JMN desenvolveu, em parceria com a Sociedade Bíblica Brasileira, o programa esportivo missionário intitulado “Avança Brasil – Igreja, Esporte e Missões”. O objetivo desse programa foi promover a evangelização de brasileiros e estrangeiros durante os eventos esportivos que aconteceram no Brasil: a Copa do Mundo em 2014 e as Olimpíadas e as Paraolimpíadas em 2016. Para a Copa do Mundo, a JMN lançou um conjunto de estratégias que deveriam ser realizadas durante e após os jogos.

Tendo isso em vista, este estudo analisa dois cartazes da campanha *Avança Brasil* da Junta de Missões Nacionais a partir das noções de memória, de acordo com Maingueneau (2008), Achard (2010) e Paveau (2013), e de discurso constituinte, proposta por Maingueneau (2000, 2006), a fim de estabelecer alguns percursos de memória para a análise/interpretação dos materiais.

Para tanto, o trabalho está organizado do seguinte modo: primeiramente, são apresentadas as noções de discursos constituintes e de memória, que fundamentam esta pesquisa. Em seguida, é feita a análise dos materiais. Por fim, são apresentadas as conclusões do estudo.

2. OS DISCURSOS CONSTITUINTES E A NOÇÃO MEMÓRIA EM ANÁLISE DO DISCURSO

Maingueneau (2000, 2006) propõe que os discursos religioso, filosófico, científico e literário têm um estatuto particular, na medida em que não reconhecem nenhuma autoridade acima de si mesmos. A esse grupo de discursos, o autor chama de *discursos constituintes*. Tais discursos se propõem como origem, não reconhecendo nenhuma outra autoridade além de sua própria e não admitindo quaisquer outros discursos acima de si mesmos. Eles são, ao mesmo tempo, auto e heteroconstituintes. *Autoconstituintes*, porque fundam, mas não são fundados por outros discursos, e *heteroconstituintes*, porque desempenham um papel constituinte em relação aos outros.

Os discursos constituintes se apresentam como ligados a uma suposta fonte legitimadora que lhes concede acesso à verdade e lhes atribui superioridade sobre os demais. Esses discursos legitimam as práticas discursivas de uma coletividade e funcionam como fiadores (como lugar de autoridade, norma e garantia) de múltiplos gêneros do discurso.

No campo religioso, cada posicionamento pretende nascer de um retorno à verdade divina, que os demais teriam esquecido ou subvertido. Nesse sentido, o discurso cristão, em suas variadas vertentes, apresenta-se como responsável por alcançar a conversão da humanidade por meio da evangelização. Desse modo, o outro é sempre apresentado como alvo que precisa ser alcançado e salvo.

Um dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso (AD), a partir da chamada segunda fase e, principalmente, na terceira fase, é o do primado do interdiscurso, que diz respeito ao fato de que um discurso não se constitui sozinho, mas sempre em relação a outro(s) discurso(s). Possenti (2009) mostra que o termo “interdiscurso” tem aparecido com vários nomes, entre eles, “polifonia”, “dialogismo”, “heterogeneidade”, “intertextualidade”, a depender da teoria utilizada. Assim, sob diversos nomes, a questão de que há um “antes” do discurso é reconhecida pelas diferentes teorias discursivas. Embora não utilize propriamente o termo “memória”, já na proposta da Análise do Discurso no final dos anos de 1960, Michel Pêcheux afirma que há sempre um “discurso prévio”, presente pelo interdiscurso que serve de “matéria-prima” para o discurso.

Em 1983, Pierre Achard defende que a memória está ligada ao estatuto dos implícitos. O autor explica que o implícito trabalha sobre a base de um imaginário que o representa como memorizado, entretanto não há como provar ou supor que esse implícito tenha existido em algum lugar como discurso autônomo. Isto é, esses implícitos são (re)construídos nas paráfrases, mas não remetem, necessariamente, a um realmente dito antes. O autor defende que o funcionamento do discurso “supõe que os operadores

linguageiros só funcionam com relação à imersão em uma situação, quer dizer, levando-se em consideração as práticas de que eles são portadores” (ACHARD, 2013, p. 14). Sendo assim, a construção discursiva do sentido está ligada à prática. Como exemplo, o autor analisa o enunciado: “Neste momento, o crescimento da economia é da ordem de 0,5%”. A respeito deste, explica que é possível construir o sentido de “crescimento” a partir do registro da economia. Podemos afirmar que, embora o autor não utilize o conceito de campo, a palavra “crescimento” analisada funciona no campo da Economia. Podemos pensar, portanto, que os implícitos necessários à leitura são fornecidos pelo campo discursivo.

Maingueneau (2008) propõe que a possibilidade de produção/interpretação de um enunciado depende da competência discursiva dos enunciadores. Segundo o autor, tal competência é um sistema simples, porém fortemente estruturado, o qual permite que o enunciador seja capaz tanto de reconhecer enunciados pertencentes ao seu posicionamento quanto de produzir um número ilimitado de enunciados inéditos pertencentes a esse posicionamento. Além disso, por seu caráter interdiscursivo, essa competência também permite que o enunciador reconheça os enunciados contrários à sua competência e traduza esses enunciados por meio de simulacros. A aquisição dessa competência relaciona-se à simplicidade do sistema de restrições e à possibilidade de dominá-lo.

Paveau (2013) defende que os estudos da AD devem levar em conta aspectos da cognição, não da cognição clássica, individual e interna ao sujeito, mas da cognição distribuída. A saber, uma elaboração exterior ao espírito (“desencarnada”), da ordem da experiência e do contexto. Em sua proposta, a autora parte da noção de memória coletiva elaborada por Halbwachs na década de 1950. De acordo com esse sociólogo, a memória individual e a memória coletiva, embora distintas, se interpenetram, na medida em que a memória individual, para confirmar e precisar suas lembranças, apoia-se na memória coletiva, enquanto esta envolve as memórias individuais. Para Paveau (2013), há uma coelaboração entre o individual e o coletivo, por isso a memória em discurso, longe de ser encapsulada no espírito dos indivíduos, é distribuída entre os outros discursos e os discursos outros. Sendo assim, a lembrança não é da ordem do individual e do espontâneo, mas construída socialmente. Além disso, tal distribuição excede o domínio discursivo para se alojar nos artefatos ou nas ferramentas discursivas.

Tendo isso em vista, a autora propõe que a produção/interpretação dos enunciados depende do apelo aos pré-discursos. Estes são “um conjunto de quadros pré-discursivos coletivos (saberes, crenças, práticas), que dão instruções para a produção e para a interpretação do sentido no discurso” (PAVEAU, 2013, p. 130). Segundo a autora, esses

quadros têm seis propriedades específicas, a saber: a coletividade, a imaterialidade, a transmissibilidade, a experimentabilidade, a intersubjetividade e a discursividade.

A partir dessas propostas, partimos para a análise de alguns dados do programa *Avança Brasil*.

3. ANÁLISE DOS MATERIAIS DO PROGRAMA AVANÇA BRASIL

O programa *Avança Brasil* foi lançado pela Junta de Missões Nacionais, em parceria com a Sociedade Bíblica do Brasil, a Organização Atletas de Cristo e a Coalizão Brasileira de Ministérios Esportivos (CBME). O objetivo do programa foi promover a evangelização dos torcedores durante a Copa das Confederações, em 2013, a Copa do Mundo, em 2014, e as Olimpíadas e as Paraolimpíadas, em 2016. A JMN fez um apelo para que os batistas brasileiros participassem do programa e, para tanto, lançou uma série de materiais e estratégias que deveriam ser adotadas pelos batistas.

O cartaz oficial de promoção do programa *Avança Brasil* tem a seguinte configuração: ao fundo, aparece a imagem de um estádio de futebol. Na parte superior, a silhueta de um jogador. Abaixo, as seguintes formulações: (1) “Avança Brasil, os campos já estão brancos;” (2) “A copa 2014 é aqui;” (3) “A hora da igreja entrar em campo é agora”, com destaque para as expressões “É aqui” e “É agora”.

Figura 1 – Cartaz da campanha Avança Brasil



Fonte: Junta de Missões Nacionais

Retomando a discussão de Achard (2010), acerca dos implícitos, investigamos qual é o funcionamento da palavra “campo” no cartaz, que aparece duas vezes. Segundo Achard, a atribuição de um sentido a uma palavra está ligada às repetições tomadas em uma regularidade, sendo a construção de paráfrases um meio para analisar essa regularidade.

Entretanto, antes de estabelecermos as paráfrases das formulações, vamos mobilizar a noção de competência discursiva, proposta por Maingueneau (2008). Para empreendermos uma leitura do cartaz, é necessário recorrermos a duas competências discursivas: a do discurso sobre o futebol e a do discurso batista.

Acerca da memória, Maingueneau (2008) propõe que cada discurso, ao mesmo tempo, demanda Tradição (uma memória de filiação externa) e cria sua própria Tradição (uma memória “interna”), criando uma memória própria. Assim, na formulação (1), o trecho “os campos já estão brancos” é uma particitação, no sentido dado por Maingueneau (2006), do texto bíblico de João 4:35b: “Eis que vos digo: levantai os vossos olhos e vede os campos, porque já estão brancos para a ceifa”. De acordo com Maingueneau (2006), há um sistema particular de citação, a particitação, que une citação e participação. Enquanto a citação é um corte de um fragmento, que explicita sua fonte e é inserido em outra situação de comunicação; a particitação exige que os coenunciadores reconheçam que há uma citação sem que o enunciador indique qualquer fonte ou utilize um verbo *dicendi*, além disso, esse enunciado citado também sofre algumas modificações. Ao particitar, o enunciador mostra sua adesão à comunidade discursiva ligada a um Thesaurus e espera que seu coenunciador, que também pertence a essa comunidade, seja capaz de reconhecer o enunciado citado sem que se explicita que se trata de uma citação. A particitação em (1) faz um apelo à memória do discurso cristão. Espera-se do cristão que ele seja capaz de reconhecer que, em (1), há um trecho bíblico: a ordem dada por Jesus para que os discípulos evangelizassem.

A respeito das citações, Paveau (2010) defende que estas funcionam como um apelo às figuras patrimoniais. De acordo com a autora, o “pré-discurso não é constituído pelo conteúdo da citação, mas pelo fato enunciativo da citação de um autor patrimonial” (PAVEAU, 2010, p. 178). Nesse sentido, não é a citação em si que interessa, mas o dispositivo cultural que permite a citação, mostrando quais precursores podem ser citados por cada comunidade. Para a autora, a citação é um apelo aos quadros pré-discursivos coletivos que autoriza “as coerções ideológicas e imposições doutrinárias” (PAVEAU, 2010, p. 180). No cartaz, a fonte da citação é a Bíblia, tomada no discurso batista como livro de fé e prática. A citação apela, assim, para um conjunto de imposições doutrinárias que sustentam o discurso cristão.

A formulação (1) ainda impõe outra questão: “o que é avançar nesse discurso?”. Há nessa formulação o imperativo da questão da evangelização, fundamental para o discurso religioso cristão, que, enquanto discurso constituinte, apresenta-se como preponderante sobre os demais. Ele assume o papel de guardião do mundo e responsável por levá-lo à salvação. Nesse sentido, para esse discurso, todo o mundo precisaria ser evangelizado. Portanto, é necessário o “avanço” no campo missionário.

A formulação (2) – “A copa 2014 é aqui” – exige uma competência discursiva não da ordem do discurso batista, mas do domínio dos esportes, mais especificamente, do domínio do futebol. Pensando na formulação em termos de implícitos, como propõe Achard (2010), a formulação faz apelo a um certo número de implícitos sobre o que é uma Copa e qual é a sua regularidade – em diferentes países (por isso, o “aqui”), a cada quatro anos (por isso, o “2014”).

Paveau (2013) propõe que uma das características dos pré-discursos é a sua experimentalidade. Conforme a autora, os quadros pré-discursivos coletivos são organizados da experiência que constroem e pré-constroem, ao mesmo tempo, toda a percepção individual do mundo. Eles têm, portanto, uma dimensão cognitiva, que passa por uma memória conceitual que cada indivíduo tem incorporada. Tal memória é ideológica, social e cultural. Analisando a formulação (2), em termos de pré-discursos, podemos afirmar que a interpretação de (2) depende de um conhecimento – não puramente mental, mas cultural – do que seja uma Copa.

A formulação (3) – “A hora da igreja entrar em campo é agora” – joga com as duas memórias, a do discurso batista e a acerca do futebol. A expressão “entrar em campo” é típica do futebol, tendo, nesse domínio, diferentes efeitos de sentidos: (a) os jogadores entraram no campo para jogar; (b) os jogadores devem ter vontade, força e garra para vencer a competição. O efeito (b) permite, por exemplo, a seguinte avaliação de uma partida: “só um time entrou em campo”. Comentário que pode significar tanto que apenas um time tenha comparecido ao jogo, quanto que apenas um demonstrou vontade de ganhar. Em (3), a expressão futebolística entra no domínio do discurso batista no sentido de que é necessário que a igreja entre em campo, isto é, evangelize, com vontade, força e garra. Nesse domínio, o efeito de sentido é de o estádio de futebol é um campo missionário.

Analisando as expressões em destaque no cartaz: “É aqui” e “É agora”, também podemos estabelecer duas relações. A primeira é em relação à questão da dêixis. Segundo Mainueneau (2008, p. 88), “o ato de enunciação supõe a instauração de uma ‘dêixis’ espaciotemporal que cada discurso constrói em função de seu próprio universo”.

No cartaz, o “aqui” e o “agora” escapam às referências espaciotemporais da produção da campanha (Brasil/2014) para evocar uma memória de longa duração, que vem desde os tempos bíblicos: a necessidade da evangelização do mundo. Nesse discurso, o “já” em (1) – “os campos já estão brancos” – se estende por todos os anos desde que a formulação teria sido proferida por Cristo. A segunda relação é que as expressões “É aqui” e “É agora” produzem um efeito de pressa e urgência, do tipo é preciso que se faça algo – aqui e agora –, isto é, que se evangelize.

Desse modo, voltando à questão do sentido de “campo” no cartaz, podemos estabelecer as seguintes paráfrases das formulações (1) e (3):

- (1) Avança, Brasil, os campos já estão brancos.
- (1.a) Avança, Brasil, os campos missionários já estão prontos.
- (3) A hora de a igreja entrar em campo é agora.
- (3.a) A hora de a igreja entrar no estádio é agora.
- (3.b) A hora de a igreja entrar no campo missionário é agora.

As paráfrases produzem o efeito de sentido de que o campo de futebol (o estádio) é um campo missionário, isto é, um lugar para a evangelização.

Paveau (2013) defende que os pré-discursivos coletivos são imateriais, tendo uma pré-discursividade tácita, ou seja, são esquemas cognitivos comuns ao conjunto de uma coletividade, “tudo o que é *taken for granted*, evidente por si mesmo, nem precisa ser dito” (p. 134). Na análise, é preciso considerar que o cartaz foi produzido pela JMN para os batistas. Nesse discurso, a necessidade da evangelização é tomada como evidente por si mesma. Nesse sentido, não é preciso que se diga: “evangelize”. A questão da evangelização é parte do *savoir-faire* dos membros da igreja. Desse modo, a “novidade” do cartaz, portanto, não é a questão da evangelização em si, mas o lugar onde se deve evangelizar: o estádio de futebol, que é apresentado como mais um campo evangelístico.

Retomando o que já foi dito sobre o funcionamento dos discursos constituintes, no campo religioso, cada posicionamento acredita ser o defensor da fé verdadeira, que seria ignorada ou subvertida pelos demais. Descrevendo-se como derivado da vontade de Deus, cada posicionamento se propõe a difundir a “verdadeira fé” aos demais. Assim, o discurso cristão se propõe como verdade absoluta, irrevogável, universal, construindo de si uma imagem de “proclamador de direito da salvação” do mundo, ao passo que o outro (nesse caso, os torcedores que irão ao estádio) aparece como alvo que deve ser alcançado, ou seja, convertido à fé cristã.

Uma das estratégias apresentadas pela JMN para a evangelização durante os jogos foi o uso de uma camiseta da Seleção Brasileira, com a inscrição “John 3.16” nas costas. Essa estratégia aparece representada em outro cartaz da JMN.

Figura 2 – Estratégia da camisa John 3.16



Fonte: Junta de Missões Nacionais

No cartaz, um dos torcedores aparece, em uma arquibancada, de costas, com as mãos levantadas (em atitude de comemoração), vestido com uma camiseta da Seleção Brasileira, que, no lugar onde tipicamente aparece a inscrição dos nomes dos jogadores com seu número, apresenta a inscrição “John 3.16”. Abaixo do torcedor, aparece a formulação: (4) “Com Jesus, nosso time transforma o Brasil. Vista a camisa e entre em campo”. A seguir, aparecem os locais dos jogos da Copa do Mundo.

Para analisar esse cartaz em termos de memória, mobilizamos, mais uma vez, a noção de competência discursiva, proposta por Maingueneau (2008). A composição do cartaz, como no anterior, mobiliza uma competência sobre o mundo do futebol, mais especificamente sobre a torcida que utiliza camisetas de seu time e comemora as ações do time, como o gol. O torcedor no cartaz está em atitude comemorativa (de braços levantados). Chama a atenção que os demais não estão comemorando, apenas ele. A sua comemoração, com os dedos indicadores erguidos para o alto, faz apelo a uma memória sobre o futebol e a fé. Em atitude de agradecimento a Deus, jogadores evangélicos têm utilizado o gesto como forma de comemorar seus gols. Podemos pensar nesse tipo de comemoração como uma *cena validada* no discurso sobre o futebol, no sentido de Maingueneau (2006, p. 122): cenas “já instaladas na memória coletiva”. É preciso ressaltar que a relação futebol e evangelização não é nova. A Organização Atletas de Cristo no

Brasil foi criada oficialmente em 1984 e busca utilizar a “linguagem” do esporte como meio de evangelização. A campanha *Avança Brasil* foi desenvolvida em colaboração com essa organização.

Para dar conta da interpretação da referência bíblica na camiseta, é necessário um coenunciador que (re)conheça que a inscrição se refere a um texto bíblico, o qual se refere à salvação da humanidade. A camiseta traz a referência de um dos textos-chave para justificar a necessidade da evangelização. De acordo com o texto bíblico referenciado, Deus teria dado seu filho Jesus pela salvação do mundo: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira, que deu seu filho único para que todo aquele que nele crê, não pereça, mas tenha a vida eterna”. Este é o principal texto bíblico utilizado pelos batistas para a evangelização. Há, assim, na inscrição um apelo à memória do discurso cristão. A utilização da referência em inglês diz respeito à estratégia de alcançar também os estrangeiros, tendo o inglês como língua global, a referência busca alcançar um público maior. Desse modo, a referência faz apelo a um leitor que conheça o texto bíblico.

Podemos analisar também a formulação (4) – “Com Jesus, nosso time transforma o Brasil. Vista a camisa e entre em campo” –, retomando o que já foi dito sobre o cartaz anterior, principalmente sobre a formulação (3), acerca da expressão “entrar em campo”. Em (4), mais uma vez, expressões típicas do domínio do futebol, “vista a camisa”, isto é, se esforce e se empenhe em prol do time, e “entre em campo”, passam para o domínio da evangelização. Aqui o batista é convidado a vestir a camisa de *John 3.16*, ou seja, a comprometer-se, e a “entrar em campo” para evangelizar.

Além dos cartazes, selecionamos para análise a descrição de outra estratégia que foi utilizada durante a Copa, o *Golden Goal*:

(5.a) *Golden Goal*, conhecido no Brasil como “gol de ouro” é um sistema de desempate no futebol no qual o primeiro time que marca um gol em uma prorrogação vence a partida. (5.b) Chamamos de Golden Goal o estilo de evangelização pessoal direta que realizaremos nos eventos esportivos porque ele parte da consideração de que talvez não tenhamos uma segunda chance para semear o Evangelho no coração das pessoas que visitarão o Brasil (JMN, grifos nossos).

A formulação (5.a) descreve um procedimento do domínio do futebol. O enunciador não explica o que é um desempate, nem um gol, nem uma prorrogação, mas os toma como evidentes. Pensando em termos de implícito, podemos afirmar que (5.a) faz apelo a um certo número de implícitos: o funcionamento de uma partida de futebol, a necessidade dos desempates e das prorrogações (pelo menos nas Copas). Assim, a formulação (5.a) tem sentido por causa desses pré-construídos do discurso sobre o futebol.

Também podemos analisar (5.a) a partir da proposta de Paveau (2013) acerca dos conhecimentos tácitos. Estes dizem respeito ao saber dos membros de certa comunidade,

o qual seria “quase transgressivo ou mesmo redundante explicá-lo” (PAVEAU, 2013, p. 133). Podemos afirmar que esses itens (gol, desempate, prorrogação) estão do nível do que não é preciso dizer o que são, uma vez que são tomados como evidentes, fazem parte do *savoir-faire* do futebol. A esse respeito, a autora defende que a partilha do sentido “é uma necessidade comunicacional e um imperativo cognitivo: os locutores necessitam de um mínimo de objetividade do sentido para que a troca conversacional e a circulação dos sentidos sejam simplesmente possíveis” (PAVEAU, 2013, p. 195). Nesse sentido, o enunciador do discurso supõe que há uma partilha do que seria o futebol, enquanto o “gol de ouro” sairia do nível de evidente por si mesmo e é tomado como um conhecimento a mais, que precisa ser explicitado.

Na segunda parte da estratégia (5.b), é preciso mobilizar outra competência discursiva: a do discurso batista. Nesse ponto, conforme define Paveau (2013), há uma “definição lexicográfica espontânea e subjetiva”, marcada pelo enunciado definicional “chamamos”, que marca a tipificação geral e coletiva à qual o locutor faz alusão. Esse coletivo marca uma posição: a dos batistas. Desse modo, há uma redefinição do seria o “gol de ouro” no discurso batista.

Além disso, o enunciador toma como evidente o que seja o “estilo de evangelização pessoal direta”. Segundo o discurso batista, há três formas de evangelização: a contribuição financeira com as juntas, a oração pelo trabalho das juntas e a “evangelização pessoal direta”, isto é, quando cada batista fala de sua fé para as outras pessoas. Nesse sentido, (5.b) supõe um coenunciador (um batista) capaz de reconhecer esse estilo de evangelização.

Ademais, esse coenunciador deve ser capaz de interpretar a metáfora “semear o Evangelho”. A respeito das metáforas, Paveau (2013) defende que a compreensão delas relaciona-se com os sentidos partilhados. A metáfora funciona como um organizador discursivo que implementa culturas de comunidades. Voltando à citação presente em (1) “os campos já estão brancos”, na formulação bíblica, Cristo constrói uma metáfora a partir do domínio da agricultura para o domínio da evangelização: os campos prontos para a colheita representam o mundo que precisaria ser evangelizado. Em (5.b), mais uma vez, a metáfora da agricultura é retomada por “semear o Evangelho”. Paveau (2013) explica que a metáfora “constitui o saber e valida as asserções” (p. 225). Defendemos, por fim, que a metáfora sobre o evangelho como semente a ser semeada é uma metáfora recorrente no discurso cristão, funcionando como uma metáfora validada.

4. CONCLUSÃO

A análise mostra, como explica Maingueneau (2006), que cada discurso constituinte trabalha na gestão de uma memória específica. No caso do discurso batista, a JMN constrói uma imagem dos batistas como responsáveis pela evangelização dos brasileiros e também dos estrangeiros. A partir do discurso sobre o futebol, a Junta constrói estratégias para a conversão do Brasil, utilizando o esporte como ferramenta missionária. Essa pretensão de alcançar a salvação do mundo, por meio de uma fé verdadeira, relaciona-se à questão de o discurso religioso ser um discurso constituinte.

Voltando à proposta de Maingueneau (2008) de que “cada discurso tece pouco a pouco uma memória própria” (p. 116), podemos afirmar que essa memória própria faz com que seja possível enunciar em cada discurso. Isso nos remete à questão da constituição dos sentidos segundo a noção de formação discursiva de Pêcheux e Fuchs (2010): “O ‘sentido’ de uma sequência só é materialmente concebível na medida em que se concebe esta sequência como pertencente necessariamente a esta ou aquela formação discursiva” (p. 167). Paveau (2005) afirma que a memória discursiva é um conceito “que propõe, ao mesmo tempo, um desenvolvimento, um aprofundamento e quase uma alternativa àquela de formação discursiva” (p. 2). Concordamos com a autora, uma vez que as análises mostraram o papel da memória na determinação daquilo *o que pode e deve ser dito*, e podemos acrescentar daquilo que precisa ou não ser dito. Ela fornece, portanto, as evidências necessárias que possibilitam a leitura/interpretação dos enunciados, enfim, a própria existência do discurso.

REFERÊNCIAS

- ACHARD, Pierre. Memória e produção discursiva do sentido. In: ACHARD, Pierre *et al.* (Org.). **Papel da Memória**. Campinas, Pontes, 2010. p. 11-17.
- MAINGUENEAU, Dominique. Analisando discursos constituintes. Trad. Nelson Barros da Costa. **Revista do GELNE**, v.2, n.2, 2000, p.1-12.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. São Paulo, Criar, 2006.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. São Paulo, Parábola, 2008.
- PAVEAU, Marie-Anne. **Ospré-discursos: sentido, memória e cognição**. Campinas, Pontes Editores, 2013.
- PAVEAU, Marie-Anne. Reencontrar a memória. Percurso epistemológico e histórico. In: **Anais do II SEAD**, Porto Alegre, UFRGS, 2005, p.01-09.
- PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise. HAK, Tony. (Org.). **Por uma Análise Automática do Discurso**. Campinas, Unicamp, 2010. p. 159-249.
- POSSENTI, S. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola, 2009.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Mauriceia Silva de Paula Vieira - Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação e na pós graduação. Possui experiência docente na educação básica, na formação continuada de professores alfabetizadores e de professores de língua portuguesa. Suas pesquisas se inserem nas seguintes áreas: ensino de língua portuguesa; leitura e práticas de letramentos; letramento digital e uso de tecnologias; análise linguística/semiótica em perspectiva funcionalista.

Patricia Vasconcelos Almeida - Pós doutora em Linguagem e Tecnologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação em Letras e na pós graduação nos programas de Educação (mestrado profissional) e de Letras (mestrado acadêmico). Líder do Grupo de Pesquisa CNPq - Tecnologias e Práticas Digitais no ensino-aprendizagem de línguas. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Inglesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Formação de professores, ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras mediado pelas tecnologias digitais, tecnologia educacional, ambientes virtuais de aprendizagem.

Índice Remissivo

A

Acción semio-técnica 115, 117, 118, 119, 121

Alícia Vega 243, 244, 245, 246, 247, 252

Alteridade 91, 93, 98, 99, 101, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 210, 211, 212, 214, 224, 250

Análise de Discurso Crítica 1, 2, 7, 19

Análise do Discurso 8, 20, 22, 32, 33, 34, 38, 39, 43, 47, 65, 81, 83, 84, 86, 90, 125, 126, 128, 135, 173, 174

Argumentação 14, 16, 17, 32, 34, 35, 41, 46, 47, 101, 125, 127, 136

Autoconfiguración 200

C

Cacaso 173, 174, 175, 176, 182, 185, 189

Cinema 102, 104, 184, 185, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262

Cinema e Educação 243

Coluna de opinião 124

Competência discursiva 20, 23, 25, 26, 28, 30, 126

Crônica literária 219, 222, 229, 233

D

Dialogismo 22, 46, 91, 93, 94

Dictadura 200, 201, 202, 203

Discurso 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 54, 53, 57, 61, 62, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 74, 75, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 107, 108, 110, 112, 114, 115, 117, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 139, 140, 142, 146, 158, 164, 175, 176, 177, 183, 189, 203, 211, 214, 216, 227, 237, 246

Discurso constituinte 20, 21, 26, 31

Discurso político 7, 32, 33, 35, 36, 37, 39, 41, 44, 47, 65, 66, 69, 80, 90

Discurso religioso 20, 26, 31

E

Educação estética cinematográfica 243

Espaço Escolar 159, 260

Estilística 149, 156, 158, 173, 174, 175, 176, 189

Ethos 32, 34, 35, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 59, 60, 61, 62, 64, 113, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135

F

Facebook 65, 66, 67, 68, 69, 70, 73, 75, 79, 80, 146

Futebol 20, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148

G

Gênero 4, 5, 10, 22, 37, 47, 70, 75, 91, 92, 93, 95, 97, 98, 99, 101, 103, 107, 108, 133, 136, 139, 142, 144, 148, 150, 156, 163, 171, 176, 177, 180, 200, 201, 202, 203, 212, 215, 226, 227, 241

Grupo Escolar 173, 174, 177, 180, 181, 184, 185, 187, 188

H

História das Mulheres Latinoamericanas 243

I

Identidades 5, 8, 12, 13, 19, 33, 38, 41, 42, 65, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 85, 86, 90, 129, 138, 143, 144, 146, 152, 162, 165, 182, 190, 191, 197, 198, 211, 213, 214, 234, 236, 238, 239, 242, 262

Identidade Sonora 234

Interculturalidad 48, 49, 50, 53, 54, 55

Interculturalidade 49, 208, 209, 217, 242

Intolerância Religiosa 2, 5, 6, 18

J

João Antônio 190, 191, 192

K

Kichwa 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64

L

Leitura compartilhada 219, 220, 230

Linguagem 19, 29, 33, 34, 35, 36, 37, 43, 44, 46, 65, 73, 79, 85, 92, 93, 94, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 106, 135, 151, 155, 163, 164, 170, 178, 184, 212, 221, 224, 225, 226, 227, 228, 231, 232, 248, 249, 253, 255, 256, 257, 258, 260, 261

Literatura 83, 97, 98, 108, 151, 158, 161, 171, 179, 190, 191, 200, 201, 206, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 222, 224, 228, 230, 231, 232, 233, 242, 245

M

Manoel de Barros 159, 160, 161, 165, 166, 170, 171, 172

Martín Kohan 200, 201, 202

Modernidade 90, 139, 148, 190, 191, 192, 196, 197, 198, 239, 242, 262

Modos de operação ideológica 1, 2, 5, 8, 9, 18

Mudança 16, 19, 32, 40, 41, 43, 45, 46, 85, 86, 97, 133, 139, 164, 191, 192, 195, 196, 229, 234, 235, 239, 257

Música armorial 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241

Música em Pernambuco 234

P

Plurilinguismo 208, 213, 214, 218

Poema e poesia 149, 156

Poema metalinguístico 149

Prácticas agrarias 111, 115

Protagonismo leitor 219

R

Redação do Enem 91, 92, 93, 101, 102, 107, 108

S

Semiótica del espacio 110, 111, 112, 116, 121, 122, 123

Sociedade 6, 11, 12, 15, 19, 21, 24, 40, 41, 47, 69, 70, 85, 86, 102, 103, 104, 105, 129, 137, 138, 142, 143, 147, 148, 159, 162, 192, 193, 210, 211, 212, 216, 217, 228, 239, 246, 247, 253, 254, 255, 257, 258, 261

T

Texto literário 159, 160, 161, 162, 163, 164, 171, 208, 211, 212, 219, 222, 223, 224, 231, 232

Torcida 28, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 143, 144, 145, 146, 148

U

Urbano 12, 190, 191, 192, 193, 196, 198

Uso de tecnologia 81, 83, 89, 90

W

WhatsApp 81, 82, 83, 87, 88, 89



**EDITORA
ARTEMIS**